Pedro Paulo Scandiuzzi

A mensagem de Charles de Foucauld para a vida do leigo

Edições Loyola

A MENSAGEM DE

CHARLES DE FOUCAULD

PARA A VIDA DO LEIGO

Pedro Paulo Scandiuzzi

A mensagem de Charles de Foucauld para a vida do leigo

Edições Loyola

Preparação: Maurício Balthazar Leal
Capa: Walter Nabas
Foto de Charles de Foucauld no Hoggar
<http://commons.wikimedia.org/wiki/
File:Charles_de_Foucauld.jpg>
Diagramação: Ronaldo Hideo Inoue
Revisão: Vero Verbo Serviços Editoriais

Edições Loyola Jesuítas
Rua 1822, 341 – Ipiranga
04216-000 São Paulo, SP
T 55 11 3385 8500
F 55 11 2063 4275
editorial@loyola.com.br
vendas@loyola.com.br
www.loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN 978-85-15-04239-5

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2015

"No dia em que não formos mais, de certo modo, um ponto de interrogação para os homens, poderemos dizer a nós mesmos que cessamos de levar entre eles a presença do Grande Invisível."

"Pensamos que seu conteúdo [da mensagem de Foucauld] possa ser compendiado em três pontos: a incessante busca de Deus no cotidiano da vida, a dimensão nazarena da vida cristã, o diálogo aprofundado com o diferente."

RENÉ VOILLAUME

Sumário

Introdução 9

Capítulo 1
A compreensão do que é ser leigo
na espiritualidade foucauldiana 21

Capítulo 2
Do Deus absoluto ao Deus Pai de todos..... 27

Capítulo 3
Nazaré como lugar geográfico:
Nazaré pode ser vivida em qualquer lugar..... 33

Capítulo 4
Da Eucaristia à vida eucarística 41

Capítulo 5
O deserto e o deserto urbano 49

Capítulo 6
Desde ir em busca do pobre até querer ser pobre 57

Capítulo 7
Da imitação de Jesus até viver o Espírito de Jesus 63

Conclusão 69

Bibliografia consultada..... 75

Introdução

O objetivo principal deste livro é explicitar o papel do leigo na espiritualidade de um francês chamado Charles de Foucauld, o que será feito de forma simples, sem citações acadêmicas, com menção apenas à data dos escritos. Tais datas se fazem necessárias devido à grande dinamicidade vivida pelo geógrafo, linguista, antropólogo e teólogo Charles de Foucauld. Vamos perceber que ele vai se tornando mais humano e mais próximo da vida comum dos homens — vida nazarena — à medida que o tempo avança em sua linha horizontal; porém, como a de todo ser humano, sua vida não caminhou de maneira horizontal, como o tempo cronológico e histórico.

Por isso, preocupar-me-ei em ater-me aos acontecimentos que foram escritos após sua segunda conversão, sem deixar de mencionar em alguns momentos, quando necessário, acontecimentos anteriores a essa data, para melhor compreensão da ação do Espírito de Deus na vida de Foucauld.

Por essa espiritualidade ser rica em compreensões diversificadas, resolvi explicitar o papel do leigo na Fraternidade Secular Charles de Foucauld por um viés próprio de membros que a vivenciam e a compreendem dessa maneira. Vivem-na como IGREJA, sem estar presos à instituição religiosa e respeitando as diversas manifestações do DEUS AMOR. Outros membros a compreendem de outra forma e a vivem na formação da religião católica e em outras religiões cristãs como IGREJA.

Para este fim, pensei que seria mais interessante apresentar as partes "invisíveis" da biografia de Charles de Foucauld, aquelas pinceladas mencionadas por seus autores que o mostram como ser humano em busca de santidade na vivência do Reino proposto por Jesus Cristo. São citações riquíssimas para a vida leiga e para que nós, humanos, nos sintamos mais próximos da busca da santidade, uma santidade que se constrói no cotidiano — como Jesus, Maria e José a viveram em Nazaré.

Também pensei em apresentar pontos da espiritualidade que são pouco conhecidos e que fazem a diferença na busca do último lugar, o de ser leigo, o espaço daqueles que não têm lugar dentro de uma hierarquia religiosa: uns a vivem por opção vocacional e outros por simplesmente não terem sido incluídos dentro de estruturas religiosas existentes. Quantos desses últimos gostariam de ser agentes pastorais!

Para dar conta desse objetivo procurei, como já disse, utilizar mais as passagens referentes a Foucauld depois da sua segunda conversão, que se deu em 1907-1908, e alguns dados da divisão vital antes do sacerdócio, longe do povo, e depois como sacerdote no meio do povo, a partir de 1901. Um sacerdócio sem paróquia, sem seguidores cristãos a não ser os soldados franceses que por lá passavam, um sacerdócio de relacionamentos com aqueles que nem conheciam e nem acreditavam em Jesus. Um sacerdócio que fez somente três batismos e que aparece como tendo convertido uma única pessoa, a qual recebeu o primeiro batismo realizado por ele. Antier (1997) diz:

> Charles foi acolhido com entusiasmo à Béni Abbès, com lágrimas de alegria de Mamma Haken, a velha mulata cega e pobre, sua única conversão.

O outro batismo foi o de um jovem sudanês, de 18 anos, em Tamanrasset, chamado Paul Embarek, porém naquele momento ele não prosseguiu no cristianismo e esse fato decepcionou Foucauld. O terceiro batismo foi o de uma criança de 3 anos e meio, negra, chamada Abd Jesu, que tomou a seu cargo como catecúmeno.

Entretanto, temos pleno conhecimento de que a vida de um ser humano não pode ser picotada sem deixar de ter ligações com seu passado. Os livros nos dizem que temos influências desde o útero e que muitas vezes tais influências reportam a gerações anteriores e ficaram marcadas no cérebro e nos genes de nossos pais. Compreendo que nossas relações atuais dependem de um retrorrelacionamento e também de muitas influências sociais, econômicas, políticas, religiosas… podendo também sofrer a influência de desejos futuros.

No entanto, não podemos deixar de mencionar que há outros autores que consideram ser a única conversão a inicial; outros veem a segunda como a da ordenação sacerdotal.

Segui, porém, um terceiro viés de compreensão, juntamente com outros autores, e assim acredito ter sido a segunda conversão aquela em que ele, Charles de Foucauld, no Natal de 1907, teve uma doença gravíssima e foi socorrido pelos mais pobres com leite de cabras, das cabras que naquele momento tinham um mínimo de leite devido a um período de grande seca. Momento de muita fragilidade e dor. Dor pelas outros pobres que o socorriam e que também sofriam com a fome causada pela brutal seca de então.

Dor também porque naquele momento se daria o impedimento oficial da celebração eucarística, por não ter ele assistente nem acólito. Mas também voltou a alegria no momento em que, mesmo sem ter uma compreensão nítida, chegou a notícia de que poderia celebrar só. Dor novamente, pois não poderia guardar as reservas eucarísticas para adoração, e assim o próprio Jesus irradiaria todo o bem possível.

Assim, essa minha opção ocorreu ao perceber a grande mudança que houve no relacionamento e na compreensão de mundo que se deu na vida de Foucauld. Ele, que sempre socorrera e ajudara os pobres, precisou ser ajudado por eles. Que surpresa perceber que os pobres também têm algo com que contribuir e partilhar! Que o pobre sabe acolher e inserir o diferente em seu seio ao perceber que ele está fraco e indefeso. Mas que papel diverso para Foucauld saber aceitar essa grande ajuda — socorro daqueles que, tendo filhos famintos, o queriam salvar. Eram os

pobres muçulmanos que o queriam salvar. Os tuaregues mais ricos tinham ido para uma região melhor e bem longe dele naquele momento de seca. Ele, que era visto como rico, pois distribuía esmolas e era protegido pela tropa francesa!

Antier (1997) fala desse momento:

> Um Targui lhe sorri, se inquieta de o ver assim mal. Ele será salvo por Dassine, a poetisa do Hogar, que cuidará inteligentemente de separar os curandeiros e feiticeiros de práticas perigosas.

Após a cura dessa enfermidade, chegou uma notícia muito importante para ele: a permissão papal de celebrar a missa sem ajudante, pedido que havia sido feito havia quatro anos e meio.

Aquele momento de doença, cura e resposta demorada de um pedido tão simples feito por Foucauld sugere algumas perguntas.

A primeira é de origem bastante pessoal. Um homem que parte de seu país como missionário, para evangelizar, para dar de si e partilhar também os bens materiais que possui, de repente vê-se jogado numa cama, sem esperança de ser curado, preparando-se para morrer, e os pobres, seus vizinhos, o socorrem e o salvam. Eles nem são cristãos! Como teria sentido Foucauld essa experiência de vida que novamente o modificou?

No momento em que ocorreram a doença e a cura chegou a resposta que solicitara aos seus superiores religiosos: a permissão da celebração eucarística sem a ajuda de um cristão. Que significado teve a resposta ao pedido para a celebração sem acólito? Teria essa resposta tido alguma importância a partir dessa rica experiência do Amor de Deus? Por que a demora burocrática para uma resposta tão simples?

Outro questionamento se levanta. Como será que Foucauld viveu seu sacerdócio naqueles quatro anos e meio de espera? Um homem como Foucauld, que antes era — e foi até o fim — apaixonado pela eucaristia, como pôde compreendê-la durante a espera? Teria mudado a sua compreensão de eucaristia e de adoração após esse acontecimento da cura da doença pelos não cristãos que o socorreram? E a visibilidade do Reino, as propostas de tor-

ná-los cristãos, o relacionamento, como será que se processaram no seu cérebro e no seu testemunho?

Esses dois acontecimentos, para quem os conhece e deseja conhecer as suas consequências, não podem ser desprezados. Eles são como molas que impulsionam uma vida, e esse impulso pode jogá-la longe tanto no plano horizontal como no plano vertical da vida, fazendo perceber detalhes do grande AMOR do AMADO que não foi percebido por aqueles que não foram impulsionados por essa preciosa mola.

Contudo, vale mencionar que no período escolhido por mim, período após a cura da enfermidade, Charles de Foucauld escreveu bem menos que antes a respeito de suas meditações evangélicas, mas ele não deixou de escrever: oitocentas cartas por ano, além de seus trabalhos antropológicos e linguísticos. Nas cartas dessa época encontramo-lo sempre na luta pela justiça, na orientação do francês cristão no cotidiano, nas preocupações com a guerra e, é claro, torcendo para que os franceses fossem os vitoriosos, na tentativa de fazer compreender sua vocação, a escolha do lugar geográfico onde fixou a sua morada, o carinho e o respeito para com seus amigos. Suas frases dessa época têm sido pouco divulgadas em língua portuguesa ou simplesmente passaram despercebidas por mim até o presente momento. Também não posso afirmar que seja só por isso ou se uma ideologia católico-política cristã possa estar por trás, uma vez que o cotidiano foi considerado "do mundo", mundano, no passado.

Mas essas considerações fizeram-me não me preocupar com uma biografia de Foucauld, pois o leitor interessado a encontrará facilmente se o desejar. Eu segui o caminho de procurar, na medida do possível, ler as entrelinhas e salientar os trechos de sua vida que são poucos divulgados.

Na espiritualidade foucauldiana existem alguns pontos dos quais nem sempre podemos fugir. Esses pontos principais partem da mudança de compreensão por Foucauld do significado da evangelização missionária entre pessoas de diferentes/diversas religiões e da necessidade de mudança no testemunho, e são esses pontos que darão sinais à vida leiga nos dias de hoje.

Eis uma das citações que chamam a minha atenção:

> Amar não é converter, é inicialmente escutar, descobrir esses homens e essas mulheres de uma civilização e de uma religião diferente. Escutar é a primeira condição de partilha.

Saber ouvir, escutar — trata-se de uma condição necessária para a partilha, para podermos amar o ser humano diferente e diverso que se aproxima de nós.

As mudanças que ocorrem com todo ser humano — e acima mencionadas no caso de Charles de Foucauld — são contínuas e mostram-se como exigências que se fazem ao perceber o outro no encontro diário. Quantas vezes andamos de ré como caranguejos! Esses pontos/mudanças constituirão pequenos capítulos que farão parte deste livro, não nos esquecendo de que, por tratar-se de uma vida, muitas vezes faz-se necessário repetir os dizeres de um capítulo em outro.

No capítulo 1 explicarei o que Foucauld entende pela palavra "leigo". Logo em seguida, no capítulo 2, tentarei expor o caminhar do absoluto de Deus para o Deus que é Pai de todos. No capítulo 3 mostrarei a preocupação de Foucauld em viver Nazaré como lugar geográfico e a inspiração divina de que Nazaré pode ser vivida em qualquer lugar. No capítulo 4 veremos o caminhar de Foucauld da Eucaristia para a grande abertura de sua vida e o entendimento comprometedor da vida eucarística. No capítulo 5 veremos a necessidade do deserto na espiritualidade e a possibilidade do deserto urbano. No capítulo 6 veremos Foucauld ir em busca do pobre e a sua passagem em ser pobre na busca do último lugar. No capítulo 7 veremos que o essencial, que era a imitação de Jesus, passa a ser a busca do Espírito de Jesus, que é a nossa caminhada.

Um pouco de história biográfica

Charles de Foucauld nasceu na metade do século XIX, precisamente no mês de setembro, no ano de 1858, e morreu assassinado

no primeiro dia do mês de dezembro na segunda década do século XX, em 1916. Entretanto, ele não foi um mártir, apesar de ter sido assassinado em terra de missão; simplesmente seu assassinato ocorreu por problemas políticos locais: uma pessoa da região, com medo, acabou atirando e tirando a vida de Foucauld.

Ele nasceu na Europa, na França, na cidade de Strasbourg, e ficou órfão ao aproximar-se o seu sexto ano de vida. Foi criado por seus avós num lar militar e rico, e possuía o título nobre de conde.

Com essa educação doméstica, Charles de Foucauld tornou-se militar e pesquisador de geografia renomado. Foi condecorado pela Academia Francesa de Geografia pelo seu trabalho na demarcação do Marrocos. Foi por esse trabalho de geografia que Joseph Hours conheceu Foucauld. A correspondência entre os dois os ajudou na discussão do papel do leigo no trabalho missionário.

No entanto, somente após a sua morte foi reconhecida a sua pesquisa antropológica entre os tuaregues. Nesta pesquisa ele desenvolveu trabalhos de antropologia linguística, elaborando um dicionário tuaregue-francês/francês-tuaregue. Este trabalho linguístico foi pensado como contribuição que ele poderia dar aos futuros missionários para a compreensão do povo tuaregue e a melhor qualidade de evangelização destes.

No âmbito doméstico, Foucauld recebeu uma rígida formação militar e uma formação escolar de excelência, pela riqueza e pelo título. Chatelard (2009) menciona:

> O lema da família Foucauld era "jamais retroceder". À irmã que se preocupava e rogava por sua volta, ele escreveu no final de janeiro de 1884: "Quando a gente parte dizendo que vai fazer uma coisa, não volta sem tê-la feito".

Vê-se nesse lema a formação de uma família que possui certos bens. O fato de ele ter se tornado militar o fez ainda mais corajoso, audacioso e destemido. E a condecoração da Academia de Geografia deu-lhe outra força: a do poder científico. Sua vida, além dos poderes econômico e militar, carregou o poder científico, mostrando que ele era bem inteligente.

Assim sendo, parece ficar mais claro para nós a compreensão desta meditação que ele trazia desde o início de sua caminhada dentro de si:

> "Por que temeis, homens de pouca fé?" (Mt 8,26). Uma das coisas que os nossos deveres em relação ao Senhor nos impõem é não ter medo… Ter medo é fazer-lhe uma dupla injúria. É esquecê-lo, esquecer que Ele está conosco, que nos ama e é Todo-Poderoso. É ainda não nos conformarmos com a sua vontade. Se conformarmos a nossa vontade com a sua, dado que tudo o que acontece é querido ou permitido por Ele, ficaremos satisfeitos com tudo o que suceder e nunca estaremos inquietos ou medrosos… (Meditações sobre o Evangelho. Textos Espirituais, in *Contemplation*, 1969).

Essas frases acima mostram a firmeza, a determinação e a perseverança permanente que uma pessoa deve ter na decisão cotidiana a ser tomada. Essa determinação se torna cada vez mais forte se a pessoa que se propõe tal ação é agraciada com a certeza de que é DEUS quem a manda fazer, de que é o Espírito Santo que a impulsiona. É o momento em que a nossa vontade coincide com a vontade de Deus.

Entretanto, na vida cotidiana, mesmo daqueles que se propõe a ser santos, a coragem e a desenvoltura para não ter medo nem sempre são tão tranquilas. Como somos fracos e medrosos!

Mas Charles de Foucauld nem sempre levou uma vida harmoniosa e tranquila quando se deparava com a vivência de valores considerados negativos por ele ou pela sociedade em que foi educado. Isto nos leva a um testemunho do militar Laperrine, seu amigo, que afirmou (SIX, 1993):

> Eu daria uma ideia falsa de seu caráter se não fizesse uma restrição. Sua indulgência tinha limites. Se ele percebia pessoas, funcionárias desonestas, pessoas que abusavam de suas forças para oprimir os fracos, ou ainda covardes, ele tinha então sobressaltos de indignação.

Para Charles de Foucauld alguns valores humanos eram essenciais, e ao defendê-los ele às vezes ultrapassava certos limites que nem sempre é desejável transpor.

Por essa coragem que lhe era peculiar, pelo desejo de amar aquele que o chamou da miséria humana e de um vazio mortal, Deus o preparou, primeiramente levando-o à demarcação do Marrocos e depois ao deserto do Saara, entre os muçulmanos, e este caminho foi longo, tendo se iniciado com a sua primeira conversão em 1886 e terminado em 1916. Trinta anos de aprendizagem, de deixar-se morrer, consumir-se na busca do Amado. Trata-se do mesmo período de tempo que Jesus levou na sua formação em Nazaré antes da sua vida pública.

Charles de Foucauld morreu sozinho no deserto do Saara, em Tamanrasset, porém teve durante a vida a leiga Suzanne Perret e os membros da União como seus seguidores, além de muitos amigos que conservou e com quem trocava muitas correspondências. Ele não fundou nenhuma congregação religiosa, mas teve leigos, sacerdotes diocesanos e religiosos que o compreenderam e o seguiram como membros da União.

Além disso, como nos informa Bazin (2003), não podemos esquecer que Foucauld teve pelo menos doze antecedentes que caminharam na santidade, sendo assim exemplos a seguir. Percebemos aqui que o poder religioso de ter a quem se referir já o acompanhava havia bastante tempo.

Entretanto, com todos esses poderes humanos, devemos lembrar seu temperamento. Uma das características que chamam a atenção é que Foucauld tinha um temperamento colérico. Nos dizeres de Bazin (2003):

> Foucauld tinha momentos de cólera. Quando criança, um dia construiu um castelo de areia. Um de seus parentes sugeriu utilizar batatas para colocar no porão em vez de bolas. Colericamente, ele colocou em todas as camas da casa batatas cheias de areia.

Foucauld perdeu a fé aos 14 anos, em um liceu da cidade de Nancy. O retorno à fé deu-se quando ele tinha 28 anos; havia tido uma adolescência e uma juventude turbulentas e foi o exemplo da sua prima Marie de Bondy que o fez retornar à fé. O exemplo dela fez que Foucauld rezasse sempre dizendo: “Meu Deus, se vós existis, fazei que eu vos conheça”.

Essa busca o levou um dia a um confessionário onde estava Pe. Huvelin, e após a firmeza desse sacerdote em exigir que ele se confessasse tudo mudou. Ele mesmo o afirmou numa carta enviada a Henry de Castries em 14 de agosto de 1901:

> Enquanto estava em Paris providenciando a impressão de minha viagem ao Marrocos, entrei em contato com pessoas muito inteligentes, virtuosas e cristãs; dizia-me então "que talvez essa religião não fosse absurda". Ao mesmo tempo uma graça interior impulsionava-me fortemente. Sem crer, comecei a ir à igreja, único lugar onde me sentia bem e onde passava longas horas repetindo essa estranha oração: "Meu Deus, se vós existis, fazei que eu vos conheça…".
>
> Veio-me a ideia de que precisava informar-me sobre essa religião, e que talvez achasse essa verdade da qual já desesperava, e disse a mim mesmo que o melhor seria tomar umas lições… Assim como procurara um bom *thaleb* [professor] para ensinar-me árabe, procurei um padre instruído para dar-me ensinamentos sobre a religião católica… Falaram-me de um padre católico muito distinto que fora aluno da Escola Normal. Encontrei-o em seu confessionário e disse-lhe não ter vindo para confessar, pois não tinha fé, mas que desejava alguns esclarecimentos sobre a religião católica… A obra de minha conversão, que o bom Deus tão poderosamente começara por sua graça interior, tão forte que quase irresistivelmente me arrastara à igreja, por Ele mesmo seria completada.
>
> O padre, que eu desconhecia e a quem Ele me conduziu, aliava a uma grande instrução uma virtude e uma bondade ainda maiores. Tornou-se meu confessor e não deixou de ser meu melhor amigo nestes quinze anos que, desde então, decorreram… Assim que acreditei haver um Deus, compreendi que não poderia fazer outra coisa se não viver só para Ele: minha vocação religiosa data da mesma hora que a minha fé em Deus. Deus é tão grande! Há tal diferença entre Deus e tudo o que não é Ele…

Charles de Foucauld, mesmo sendo sacerdote e/ou religioso trapista, não era totalmente obediente. Alguns autores destacam

o tipo de resistência que opunha aos seus superiores ou ao seu diretor espiritual.

Para melhor compreender isso, podemos citar um dos obstáculos que se destacaram inicialmente após a sua primeira conversão, obstáculo mencionado por Chatelard (2009), que retirou essa informação da carta enviada a Henri Duveyrier de 21 de fevereiro de 1892:

> Poucos meses depois desta grande mudança, pensei entrar para o convento, mas o Sr. Huvelin e minha família me empurravam para o casamento. Deixei o tempo passar…

Segundo Zubizarreta (1999) ele travou uma luta com seus superiores, recusando-se no início ao estudo de teologia e à possibilidade da ordenação sacerdotal. Contudo, quando aceitou a proposta de ser ordenado em 1897, diante do Pe. Huvelin, ele fez os votos de castidade e pobreza perpétuas. Não fez o de obediência.

Além disso, três dias antes do fato contado no parágrafo anterior, dois superiores trapistas haviam se comunicado por escrito dizendo que Charles de Foucauld era incapaz da obediência contínua e disciplinada, sob um comando; que poderia chegar a ser santo como ele desejava, mas ao seu modo, não obedecendo.

> É teimoso e muito apegado às suas ideias, que quer realizar a todo custo, defendendo sua liberdade e não permitindo que esta seja questionada.

E mais: Laparrine, seu amigo militar, escreveu ao capitão Niegeer em 1902 que Foucauld era "cabeça dura".

Charles de Foucauld costumava pedir permissão, porém nem sempre esperava a resposta caso ela demorasse e as exigências do pedido se fizessem urgentes. Chatelard (2009) comenta um desses momentos:

> Também quando, em 26 de agosto, ao receber uma resposta de Laperrine, decidiu partir "sem hesitar" e sem esperar outra resposta de seu bispo.

Para tanta aparente desobediência, faz-se necessária uma melhor compreensão da palavra, e é claro que o próprio Foucauld aqui nos ajudará.

Em uma das suas cartas ao seu bispo dom Guérin, Foucauld afirma que, em sua concepção, "a mais perfeita obediência, e isto faz parte da perfeição, comporta em certos casos a iniciativa" (CHATELARD 2009), iniciativa que está definida neste mesmo livro por Lyautey:

> Ah! a iniciativa! Dentre todas as virtudes ativas é a que mais aprecio. Que alegria encontrar pessoas que não erigem em dogma as fórmulas estabelecidas, pessoas que sabem, em nome do bom senso e do progresso, passar por cima das regras da burocracia.

Dom Guérin reconheceu no ano seguinte ao fato acima mencionado que Charles de Foucauld, "como todos aqueles que o Espírito de Deus dirige, sabe maravilhosamente apreciar as circunstâncias" (CHATELARD 2009).

Depois dessa introdução posso falar a respeito do que me chamou a atenção nessa espiritualidade e como um leigo pode vivê-la. Veremos um caminho de construção do Reino, vivido por um homem de temperamento colérico, teimoso, de cabeça dura e desobediente, mas com iniciativa própria, que pode ensinar-nos a amar a Deus no nosso dia a dia.

Volto a lembrar aos leitores que destaquei mais aquilo que é de fundamental importância para o leigo.

Que tal continuar a leitura?

Adquira já o seu exemplar!

Comprar

Clique no ícone azul